

Texto de partida: *Chronicles from the Land of the Happiest People on Earth*, de Wole Soyinka

Texto de chegada:

Crônicas do Lugar do Povo Mais Feliz na Terra

Capítulo 2: “O evangelho segundo a Felicidade”

Que a nação conhecida como Gigante da África era creditada por abrigar o Povo Mais Feliz do Mundo não vinha a ser novidade. O que permanecia confuso era como que esse reconhecimento fora ganhado e, por consentimento universal, merecido. Nações aspirantes precisavam serem resgatadas de seus estados de pretensões invejosas, um mal-estar que induzia condenados esforços de tomar a coroa de sua cabeça. A sabedoria dos anciões aconselha que é mais digno reconhecer um campeão indisputável, e, portanto, tomar o lugar atrás de sua liderança, do que carpir e se contorcer em frustração. Como os iorubás costumam advertir, *Ti a ba ri erin igbo k'a gba wipe a ri ajanaku, ka ye so wipe a ri nka nto lo firi*. Quando nos deparamos com um elefante, confessemos que encontramos o senhor da floresta, não casualmente comentar que vimos algo passar diante de nossos olhos.

Não são muitas nações, por exemplo, que conseguiriam ostentar um Ministério da Felicidade. Todavia, isso era uma inovação que veio de um dos estados mais empobrecidos dentro daquela nação federativa. Sua ministra pioneira, conhecida como comissária, era a esposa do imaginativo governador, enquanto outros membros da família e demais relações exerciam as variadas posições geradas pela singular instalação do gabinete. Para que aquela primeira família, sozinha, não seja creditada com esse medo de uma decisão de júri unânime ao redor do mundo, no entanto, é preciso mencionar que, dentre outras credenciais, o amor e a distribuição liberal de títulos cumpriram seus papéis. Frequentemente negligenciado era o fato de que a celebração de um único título pelo povo era normalmente o suficiente para implementar os planos orçamentários anuais de outras nações. Haviam outras, muitas vezes omitidas, no entanto, credenciais monumentais. É preciso citar, por exemplo, as constantes e exponenciais distensões da linha dos tradicionais governantes ao toque das canetas dos governadores estaduais, através das histórias e culturas?

Uma antiga cidade iorubá conhecida como Ibadan, um ex-domínio monárquico autossuficiente sem nenhum sinal de gravidez, deu à luz vinte e quatro novos reinos em um dia, numa era de atestação democrática desenfreada. Essa façanha não permaneceu incontestada. Logo foi acompanhada – ou quase depois

disso –, no extremo oposto do eixo nacional, pelo nascimento de quatorze emirados de outra entidade histórica, conhecida como Kano. Os novos reis/emires foram presenteados com seus cajados de mandato e pergaminhos de inscrição real por seus governadores presidentes, gerando cerimônias coloridas massivas em meio ao júbilo popular. Coroas/turbantes individuais, evidentemente sob medida e fabricados para se adequarem a cada crânio real, foram colocados/enrolados em torno das cabeças e papadas dos novos monarcas – anteriormente meros líderes de aldeia e chefes insignificantes. E assim por diante; os negacionistas profissionais do mundo permaneceram incapazes da façanha imaginativa de projetar as festividades transnacionais massivas que naturalmente inundariam um estado tão liberal de ascensões, a garantia de carnavais quase como um evento diário, permitindo o crescimento do turismo e um boom na indústria complementar de sequestro para resgate.

Muitos, muitos fatores contributivos salientes eram muitas vezes negligenciados por nações competitivas, majoritariamente devido ao interesse investido e à uma obsessão de arrancar a coroa da felicidade da cabeça dos ricamente merecedores. Infelizmente, tais atitudes egoístas e partidárias apenas semearam confusão até mesmo sobre os festivais rotineiros do ano todo - religiosos, seculares, memorialistas, etc. - aos quais qualquer nação soberana, com o mínimo de respeito tradicional pelo mundo dos vivos, os nascituros e os ancestrais, certamente possuía direito.